

ASPECTOS DA SOCIOECONOMIA DOS PESCADORES DE CAMARÃO DA ILHA DO PARÁ (PA) E ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE (AP)

Inacia Maria Vieira¹
Mário Diniz de Araújo Neto²

RESUMO

No Estado do Amapá, a pesca do camarão abrange as diversas ilhas localizadas no estuário do rio Amazonas, atingindo o arquipélago do Bailique (AP) e Ilha do Pará (PA). O principal porto de desembarque desta espécie é o Igarapé da Fortaleza, localizado no município de Santana. Este estudo trata da exploração do camarão regional, *Macrobrachium amazonicum*, no Baixo rio Amazonas (estuário) por comunidades pesqueiras localizadas na Ilha do Pará e Arquipélago do Bailique, onde a pesca é tradicionalmente artesanal. Assim, procurou-se ampliar o conhecimento acerca da pesca do camarão, descrevendo o perfil socioeconômico dos pescadores através de entrevistas estruturadas com pescadores de camarão filiados ou não às Colônias Z-05, no Arquipélago do Bailique e Colônia Z- 14 da Fazendinha, onde estão filiados os pescadores da ilha do Pará. Os resultados referentes aos pescadores evidenciam que estes têm na pesca do camarão sua principal atividade econômica. Com relação à pesca do camarão, verifica-se que a exploração se encontra abaixo do nível ótimo de exploração e acredita-se que salvo um crescimento desordenado desta atividade e com o estabelecimento de grandes indústrias que incrementem a pesca desta espécie a espécie se encontra em equilíbrio e é auto-regulada por mudanças ambientais e pesca moderada.

Palavras-chaves: recursos pesqueiros, pescador artesanal, camarão regional.

ABSTRACT

SOCIO-ECONOMICS ASPECTS OF ARTISANAL FISHERMEN OF SHRIMP ON ISLAND PARA AND BAILIQUE ARQUIPELAGO

In the state of Amapá the fishing of the shrimp embraces the several islands located in the estuary of Amazonas river reaching the archipelago of Bailique. The main port of landing of this species is Igarapé da Fortaleza, located in the municipal district of Santana. This study is about the exploration of the regional shrimp, *Macrobrachium amazonicum*, in Amazonas' estuary, for fishing communities located in the Ilha do Pará and archipelago do Bailique, where the fishing is traditionally handmade. Thus has been intend to enlarge the knowledge concerning the fishing of the shrimp describing the socioeconomic profile of fishermen through semi-structured interviews of fishermen of shrimp affiliated to the Colonias Z-05 OF THE Archipelago do Bailique and Colônia Z-14 of the Fazendinha. The referring results to the fishermen evidence that these in the fishing of its shrimp main economic activity. With relationship the fishing of the shrimp is verified that the exploration meets below the great level of exploration and it is believed that but disordered growth of this activity with the establishment of great industries that increase the fishing this species in balance and is autorelated by environmental changes and moderate fishes.

Key-words: fishing ground resource, artisanal fisherman, regional shrimp.

¹ Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA). inacia.vieira@iepa.ap.gov.br

² Departamento de Geografia/UnB. mdiniz@unb.br

INTRODUÇÃO

A pesca no Amapá se reveste de grande importância, especialmente quando se verifica que o estado é dotado de grandes extensões de ambientes aquáticos, somada à tradição cultural de uso dos recursos pesqueiros pelas populações ribeirinhas. Um expressivo número de espécies de peixes e crustáceos é capturado em ambientes lacustres, rios, igarapés, estuários, atendendo tanto às necessidades de proteína de origem animal para as populações que povoam esses ambientes como para satisfazer as demandas do mercado interno e externo. Esta atividade no Amapá, assim como em toda a Amazônia, carece de estudos que subsidiem o manejo racional desse recurso pesqueiro de forma que permita a sustentação ecológica-econômica desse pescado de valor protéico e de forte aceitação no mercado consumidor interno.

O camarão canela (*Macrobrachium amazonicum*, Heller, 1862) desempenha funções ecológicas importantes nos ecossistema aquáticos como componente da cadeia trófica, contribuindo para a dieta de peixes, mamíferos e alimento básico de várias espécies de aves. Também se destaca também na economia como um dos recursos mais explorados no estuário amazônico (Baixo Amazonas) por pescadores artesanais e populações ribeirinhas.

MATERIALE MÉTODOS

Descrição da área de estudo

Arquipélago do Bailique

O Arquipélago do Bailique, distrito de Macapá, no estuário amazônico é constituído de oito ilhas: Bailique, Brigue, Curuá, Faustino, Franco, Marinheiro, Meio e Parazinho e possui uma área aproximada de 630 km. Localizada na foz do rio Amazonas, entre os paralelos 00° 44' - 01° 15' N e meridianos 49° 54' - 50° 19' GW, faz limites ao Norte com o rio Araguari e ao Sul com o Canal do Norte, a leste limita-se com o Oceano Atlântico e a Oeste com a região do Pacuí.

Ilha do Pará

A Ilha do Pará localiza-se no município de Afuá - Pará, entre as coordenadas geográficas de 00° 03' de latitude Sul e 51° 10' de longitude Oeste de Greenwich, nas várzeas do estuário amazônico. O clima da área de estudo é classificado de acordo com o sistema de Köppen como sendo do subtipo climático Am3, com uma precipitação pluviométrica média anual variando de 2.000mm a 2.500mm (Freitas, 1996). Como no Bailique, a região apresenta um período chuvoso que se esten-

de de janeiro a junho, e um outro de seca que se estende de julho a dezembro. A temperatura média anual é de 27° C, com umidade relativa do ar acima de 80% .

Coleta de Dados

Os dados socioeconômicos foram coletados através de questionários estruturados com pescadores residentes nas comunidades de pescadores nas ilhas do Pará (comunidades: ilha Rasa, ilha de Santana, Ilha Camaleão, ilha Pequena, ilha Pinheirinho, rio Arangona), e arquipélago do Bailique (comunidades: Freguesia, Cubana, Igarapé Veadinho, Itamatatuba, Maúba, Faustino, Mupéua e Carneiro) considerando somente aqueles em que a pesca do camarão era sua atividade pesqueira principal. Foram entrevistados 107 pescadores, 30 representando cerca de 61% do total (49) de pescadores de camarão cadastrados nas Colônias Z-05 (Bailique) e 77 representando 74% dos pescadores de camarão da Colônia Z-14 (Fazendinha). Dos entrevistados, oitenta e seis são homens e apenas vinte e um são mulheres. As entrevistas foram realizadas nos períodos entre 20 a 30 de junho e 02 de julho de 2000; 30 de novembro a 02 de dezembro de 2000.

Outros dados adicionais quanto aos aspectos socioeconômicos dos pescadores foram obtidos através de consulta às fichas de cadastro nas Colônias de Pescadores do Bailique (Z-05), localizadas no igarapé do Franquinho e na Colônia de Pescadores da Fazendinha (Z-14), situada no distrito de Fazendinha, na qual estão inscritos os pescadores da Ilha do Pará.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atividade Econômica dos Pescadores

As atividades relacionadas à pesca, à agricultura e ao extrativismo vegetal sustentam a economia dos pescadores do Bailique e Ilha do Pará. Combinam diversas atividades econômicas e de subsistência a diferentes períodos do ano. Na época que a pesca é menos vantajosa (entressafra), alternativas se mostram viáveis e os pescadores assumem comportamentos de extrativistas, de agricultores e apicultores numa tentativa sobreviverem em meio à escassez sazonal do pescado.

O rendimento médio mensal dos entrevistados no conjunto dos pescadores do Bailique e da Ilha do Pará esteve entre 1 e 2 salários mínimos (52,3%) na época da pesquisa; 37,4% responderam que suas receitas derivadas da pesca estão abaixo do valor de um salário mínimo; 6,5% entre 2 e 3 salários; 1,9% entre 3 e 4 salários; e 0,9% para as pessoas que têm seus dividendos entre 4 e 5 salários, assim como também 0,9% dos entrevistados responderam que seus vencimentos es-

tão acima de 5 salários mínimos (Figura 01).

Quando analisados separadamente observa-se que em ambos locais da pesquisa o maior percentual de remuneração também recai sobre os valores que correspondem entre um e dois salários mínimos, sendo que para o Bailique equivaleu a 66,7% e para a Ilha do Pará 46,8%. A segunda modalidade em significância nas entrevistas refere-se àqueles nos quais os ganhos dos pescadores são inferiores a um salário mínimo, contabilizando para 26,7% para o Bailique e 41,6% para a Ilha do Pará. As demais opções, assim como as men-

cionadas acima, assinaladas pelos trabalhadores podem ser observadas na Figura 01, na qual a distribuição da amostra divide-se em indivíduos que ganham entre dois e três salários valendo para o Bailique 3,3% enquanto que para a Ilha do Pará a 7,8%.

Os valores mais altos de salários em alguns casos se devem ao recebimento da bolsa cidadã e bolsa família especialmente no Arquipélago do Bailique; em outros casos provêm de atividades complementares como agricultura, pecuária e ao extrativismo vegetal como o açai (*Euterpe oleracea*, *Arecaceae*), palmito e madeira mais comum na Ilha do Pará (Figura 02).

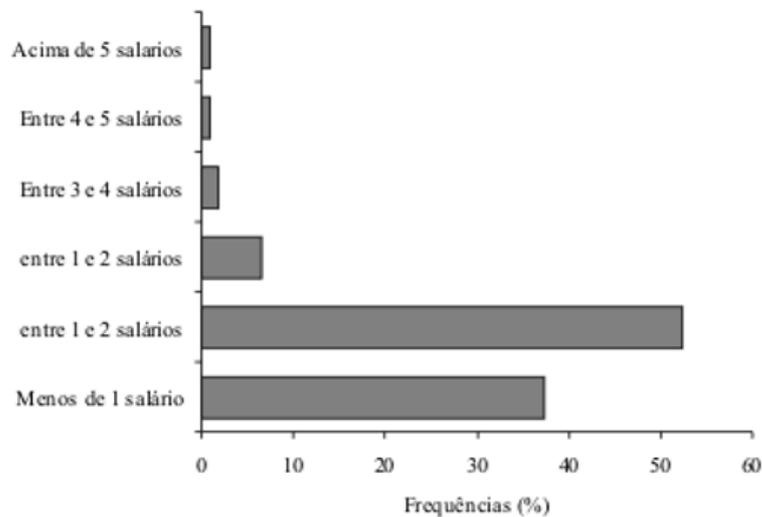


Figura 1. Distribuição das frequências relativas dos salários obtidos pelos trabalhadores da pesca na área total de estudo. Arquipélago do Bailique (n=30) e Ilha do Pará (n=77).

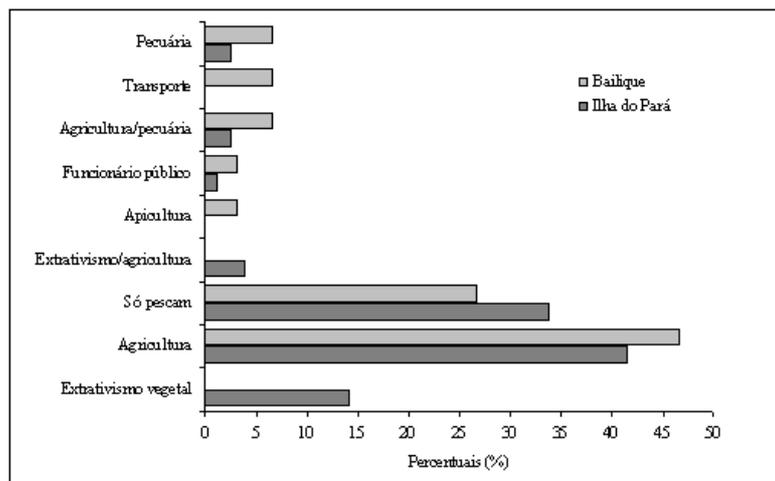


Figura 2. Percentuais das atividades exercidas pelos pescadores como complemento à atividade pesqueira no Arquipélago do Bailique e Ilha do Pará.

Condições de Vida

Pescadores artesanais e suas famílias estão entre os trabalhadores mais empobrecidos dos habitantes do meio rural; todavia, os problemas não passam tão somente pela questão da remuneração, visto que muitas vezes esses valores são superiores aos de outros trabalhadores do setor primário. Contudo, o acesso a serviços sanitários básicos como água potável, assistência médica, educação, rede elétrica e outros benefícios sociais são inexistentes ou quando existe a qualidade deixa muito a desejar.

Nas comunidades estudadas cabe bem a descrição acima. O acesso a estes serviços está longe de se concretizar, especialmente na Ilha do Pará visto que o aparato estadual de incentivo ao desenvolvimento encontra-se distante geograficamente, dificultando relações mais efetivas localmente. Embora esta ilha pertença ao Estado do Pará, as relações da população com o Estado do Amapá são mais legítimas tanto do ponto de vista social e comercial como econômico, em decorrência da proximidade com Macapá e Santana. Em contraste com esta situação, o Arquipélago do Bailique esteve no centro de muitos investimentos por parte do governo anterior em experiências da aplicabilidade do desenvolvimento sustentável. No que tange à melhoria da qualidade de vida deu-se importância ao setor educativo com a implantação da Escola Bosque que tem entre seus objetivos a formação de indivíduos voltados para as vocações regionais como, por exemplo, a pesca. Houve outras iniciativas, como a coleta de lixo (saneamento) por um barco nas diversas comunidades do arquipélago, assim como também a implantação de fábricas de pescado, processamento de açaí, entre outras, visando a melhoria da qualidade de vida destas populações.

As habitações dos pescadores tanto do Bailique quanto da Ilha do Pará são similares às habitações de populações ribeirinhas da Amazônia quanto ao estilo e funcionalidade. Os modelos mais tradicionais de habitação são construídos por uma única edificação com todas as dependências sob o mesmo teto, menos os sanitários que ficam distantes da moradia (Nery, 1995). Nas entrevistas realizadas com os pescadores foi possível identificar que as moradias são construídas de madeira (100% dos entrevistados), basicamente no estilo descrito acima e geralmente cobertas com palha e cavaco, mas

os mais abastados usam telhas de amianto. As habitações dos pescadores também são sujeitas às inundações das grandes marés; em consequência são construídas sobre pilstras de madeira, suspensas do solo para que as marés mais altas não atinjam o assoalho. Geralmente são os proprietários do domicílio que residem (80,4%); alguns moram em residências cedidas por parentes (8,4%); 7,5% dos entrevistados convivem com outras famílias no mesmo domicílio; cerca de 0,9% moram em casa alugada, enquanto que 2,8% não responderam.

Caracterização do Pescador de Camarão

Os pescadores de camarão se identificam com a descrição de pescador artesanal. A sua atividade principal durante o ano é a pesca, seus instrumentos de pesca são geralmente rústicos, sem mecanização ou sofisticação. São condicionados pelos ritmos da natureza e às variações sazonais que determinam suas pescarias.

Apresentam como característica comum o baixo nível de escolaridade, muito embora a porcentagem de analfabetos seja relativamente menor que a classe de alfabetizados (Tabela 01); no entanto, chegam a estudar até a 4ª ou 5ª série. Este fator dificulta as transações comerciais e o seu poder de barganha, o que acaba beneficiando os "intermediários" que se apropriam de sua produção e indiretamente de seus saberes, deixando-os em condições precárias quanto à qualidade de vida, diferentemente daqueles que se encontram em situação econômica bem mais privilegiada, com recursos também pesqueiros.

Um outro ponto de caracterização deste pescador como artesanal, está na sua relação de trabalho: são produtores autônomos que ocupam quase totalmente seu tempo na pesca, proprietários dos meios de produção, sem vínculos empregatícios ou de assalariamento. Pescadores de camarão com matapi gastam entre uma a duas horas de pesca entre o deslocamento ao pesqueiro, às despescas e o iscamento dos matapis e o acondicionamento nos viveiros. Enquanto que, na pesca de arrasto o tempo gasto varia de acordo com o local, em que um lance completo pode durar cerca de 20 a 30 minutos, podendo uma rede ser arrastada de cinco a dez vezes, o que depende em grande parte da produtividade do local. Exercem a pesca como atividade econômica prioritária, desenvolvendo relações de trabalho com base na parceria, com tecnologia de captura

Tabela 1. Frequência do nível de escolaridade dos pescadores de camarão no Bailique e Ilha do Pará

Escolaridade	Arquipélago do Bailique		Ilha do Pará	
	n	%	n	%
Analfabeto	5	16,7	22	28,6
Assina o nome	4	13,3	21	27,3
1º grau incompleto	17	56,7	28	36,4
1º grau completo	3	10	4	5,2
2º grau incompleto	1	3,3	2	2,6
Total	30	100	77	100

seletiva e não mecanizada. Diferenciam-se, portanto, dos pescadores ligados a um sistema empresarial de produção, cujos barcos pertencem a uma corporação, com administração profissional, trabalho nitidamente assalariado, mecanização e beneficiamento centralizado. Nessa caracterização, os pescadores de ambas as comunidades das ilhas do Pará e arquipélago do Bailique guardam semelhanças entre si.

A pesca de camarão é tradicionalmente artesanal, faz uso de instrumentos simples, condizentes com as peculiaridades ambientais dessa região. Os instrumentos de pesca como o matapi, a tarrafa, arpão, zagaia e redes de pesca são simples e quase sempre confeccionados por eles mesmos com materiais encontrados na natureza e com produtos industrializados (Moreira, 1993).

As pescarias são desenvolvidas durante o ano todo, de janeiro a dezembro. Consideram os meses secos (agosto a novembro) os mais produtivos, pois no período chuvoso o camarão se “espalha” ou “some” pela várzea inundada dificultando a pesca.

A idade média é de 43,8 anos, com idade mínima de 25 anos e máxima 71 anos para os pescadores de camarão do Bailique. Já o pescador da Ilha do Pará apresenta idade média de 44,3 anos, mínima de 12 anos e máxima de 82 anos, de acordo com dados do questionário sócio-econômico. A faixa etária das mulheres entrevistadas ficou entre a mínima de 25 anos e idade máxima em 73 anos, com média de 45,4 anos, estando agrupadas nas estimativas acima mencionadas.

A participação de mulheres pescadoras nas duas comunidades é significativa na situação de cadastradas nas Colônias de suas respectivas co-

munidades. De acordo com o levantamento dos cadastros das Colônias realizado nas comunidades, 1,8% de cadastrados eram mulheres no Bailique, enquanto que no Ilha do Pará foi de 22% na categoria profissional.

Nas pescarias realizadas com matapis é comum a participação de crianças auxiliando seus pais e até pescando independentemente. Esta modalidade de pesca é relativamente fácil, pois basta saber pilotar uma montaria (termo usado pela população ribeirinha para designar um tipo de embarcação, que é uma variação do casco) o que normalmente aprendem muito cedo; além disso, os pesqueiros de camarão localizam-se próximos às suas moradias. Muitas destas crianças abandonam a escola para ajudar os pais na pesca, o que irá refletir mais tarde na busca de outros empregos e também na própria atividade de pesca, quando se tornam dependentes aos intermediários, patrões, donos de barcos, etc. pois sua capacidade de barganhar está comprometida pela sua condição de dialogar e como conhecedor de seus direitos. Do mesmo modo, crianças participam na pesca de arrasto, modalidade esta mais usada no Bailique.

Os pescadores geralmente são nativos da própria comunidade onde vivem (59,8% dos entrevistados), de outras comunidades do próprio município (21%), da zona rural de outro município do estado (11,2%), da zona urbana de outro município do estado (1,9%) e da zona rural de outro estado da federação (3,7%) e 2,4% não informaram.

Um ponto que é importante ressaltar no perfil do pescador refere-se à razão que o conduziu a atividade pesqueira. Entre quatro alternativas de escolha, 78,5% dos entrevistados responderam que a al-

ternativa “meio de sobrevivência” foi o motivo que os levaram a pescar; 20,6% indicaram “tradição de família” como resposta; e apenas 0,9% como uma atividade de “imposição do destino”. A escolha da alternativa “meio de sobrevivência”, segundo comentários dos próprios pescadores liga-se ao fato de não terem habilidades para exercerem outras profissões e principalmente pelo nível de escolaridade que tolhe suas possibilidades. Na verdade, há múltiplas atividades alternativas extrativistas em tempos diferentes, como oportunidades de colher novos recursos.

Também, indagou-se aos pescadores de ambas as localidades há quanto tempo se dedicam à pesca. Observou-se que 43,1% dos entrevistados pescam entre 10 e 20 anos, 24,5% estão na pesca há pelos menos 10 anos, 20,6% entre 20 e 30 anos de atividade, enquanto 11,8% pescam há mais de 30 anos. Saliente-se que pescadores artesanais entram neste trabalho ainda na infância. Entretanto, há de considerar que muitos pescadores com idade avançada ainda continuam na labuta, contribuindo com o orçamento familiar e onde não raras vezes ainda é o arrimo mais significativo dentro do seu grupo familiar.

Os pescadores de camarão não recebem seguro desemprego originado deste pescado, considerando-se que não existe legislação reguladora de captura do camarão *Macrobrachium amazonicum* no Estado do Amapá. Essas medidas geralmente têm por fim a proteção do estoque reprodutor e juvenil.

As Artes de Pesca dos Pescadores de Camarão

O tipo de material empregado na pesca é determinante na natureza da atividade pesqueira (Furtado, 1987). Neste sentido, a pesca realizada nas comunidades pesqueiras das ilha do Pará e do Arquipélago do Bailique diferenciam-se quanto aos tipos de petrechos na captura do camarão. O uso de petrechos de pesca também reflete diferenças no ambiente local, bem como diferentes métodos para explorar os diferentes habitats.

As artes de pesca utilizadas por pescadores de camarão diferem de acordo com a finalidade da pesca, na medida em que outras espécies de pescado também fazem parte de sua dieta (subsistência) e como produtos de comercialização e variam de acordo com a espécie a ser capturada. Dentre as mais citadas estão: espinhel, rede de arrasto, tarrafa, matapi, malhadeira e arpão.

Tanto os pescadores das comunidades pesqueiras da Ilha do Pará e arquipélago do Bailique utilizam um ou mais apetrecho para a pesca do camarão. Dessa forma, 42,1% dos entrevistados da ilha do Pará informaram que possuem apenas o matapi para exercerem esta atividade, enquanto cerca de 17,2% informaram que usam a rede camaroeira e o matapi, 9,3% responderam que dispõem apenas da rede camaroeira. Há aqueles que possuem além da rede o matapi e a tarrafa (1,9%) e finalmente alguns dispõem de matapis e tarrafas (0,9%)

Enquanto que nas comunidades do arquipélago do Bailique as artes mais citadas foram: rede camaroeira (13,1%), outros dispõem de rede e tarrafa (5,6%), outros têm somente tarrafa (3,7%), tarrafa e matapi (3,7%), e aqueles que têm matapi, rede e tarrafa (1,9%) (Figura 03).

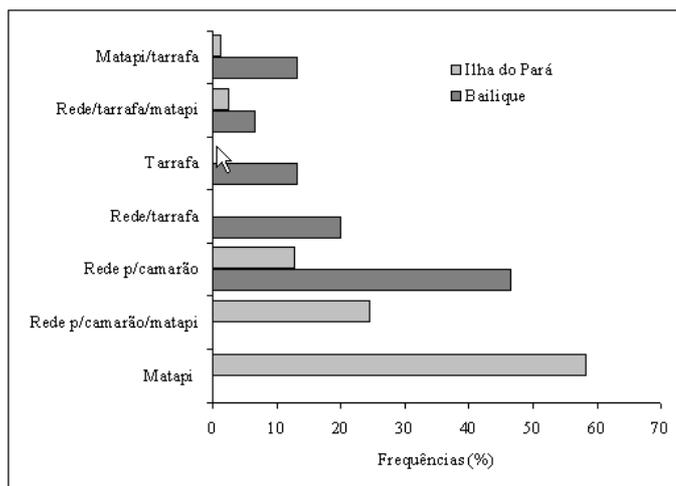


Figura 3. Frequências relativas das artes usadas na pesca do camarão das comunidades de pescadores da Ilha do Pará e Arquipélago do Bailique.

Pescarias com matapis

O matapi é uma armadilha fixa, utilizada principalmente por pescadores artesanais das ilhas do Pará. O matapi é uma espécie de covo confeccionado com talas de palmeira denominada jupati (*Raphia vinifer*) ou com talas tiradas das folhas da bacaba (*Oenocarpus bacaba* - Arecaceae) amarradas com cipó graxama (*Cydista aequinoctialis*; Bignoniaceae), de formato cilíndrico fechada de cada lado por um funil onde entram os animais. Os matapis são iscados com farelo de babaçu (*Orbinya phalerata*; Arecaceae), para armar as iscas os pescadores utilizam folha de guarumã (*Ischnosiphon arouma*; Maranthaceae) amarrados com tiras retiradas do "olho da folha" do buriti (*Mauritia flexuosa*; Arecaceae). Esta modalidade de pesca desenvolve-se o ano inteiro em vários ambientes, mas sofre influências das marés, sendo mais intensa nas marés de quadratura.

De acordo com as entrevistas realizadas, foram registrados 3.309 matapis distribuídos entre 77 pescadores das ilhas próximas ou que fazem parte da Ilha do Pará como: ilha Rasa, Pinheirinho, Camaleão, Pequena, do Chagas (município de Afuá) e a ilha de Santana no município de Santana. De

acordo com as entrevistas, os pescadores no arquipélago do Bailique não utilizam matapis nas suas pescarias. O maior número de matapis concentram-se nas comunidades localizadas na Ilha do Pará com 2.291 matapis (69,2%), seguida da ilha Rasa com 598 unidades (18,1%), ilha Pequena com 240 matapis (7,3%), ilha Camaleão com 80 unidades (2,4%), ilha de Santana com 70 matapis representando 2,1% e ilha Pinheirinho, com apenas 30 unidades, correspondendo a 0,9% do total das unidades de pesca (Figura 05).

A despesca dos matapis varia de acordo com as marés podendo ser a intervalos de seis horas, doze horas, vinte e quatro horas ou de acordo com as necessidades do pescador. Em entrevistas sobre o período das despescas dos matapis na ilha do Pará, 43,4% responderam que fazem despesca a cada doze horas; 34,2% a cada seis horas; 10,5% a cada vinte e quatro horas; 6,6% depende da maré; e 5,3% não responderam.

As pescarias com redes de arrasto ou camaroeira

Esta modalidade tem maior representação no Arquipélago do Bailique, sendo pouco usada na ilha do Pará. A pesca é realizada por dois pescadores

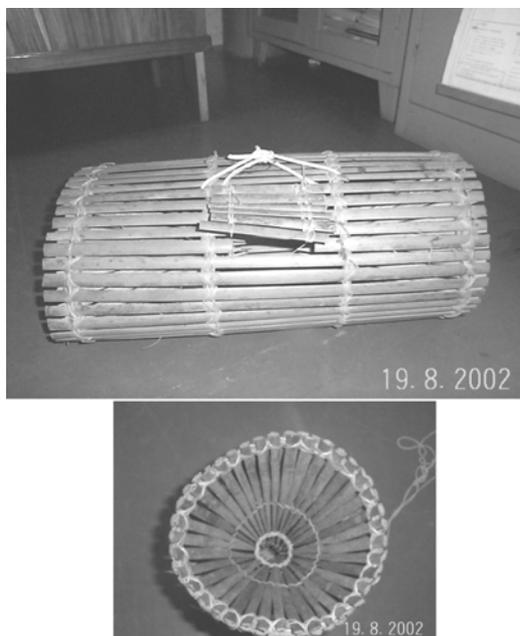


Figura 4. a) Matapi, petrecho de pesca usado na captura do camarão; b) "boca" do matapi, local de iscamento e despesca do camarão e c) detalhe do funil por onde o camarão entra no aparelho.

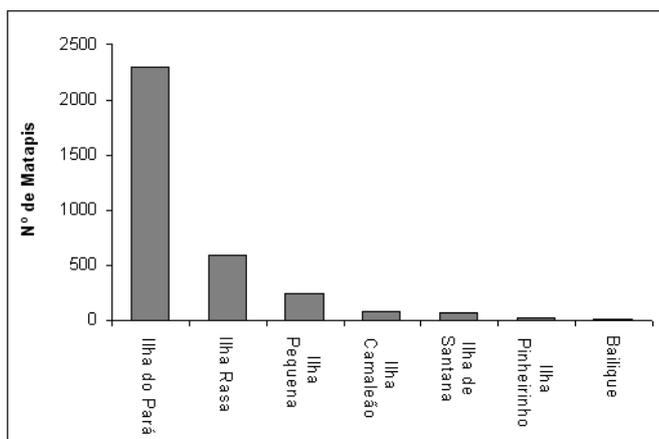


Figura 5. Distribuição do número de matapis nas comunidades de pescadores localizadas nas ilhas: do Pará, Rasa, Pequena, Camaleão, Santana Pinheirinho e Arquipélago do Bailique.

que arrastam a rede ao longo de um trecho de praia por um período de 10 à 30 minutos com várias repetições, em profundidades que variam de 1 à 1,5 m. De acordo com as entrevistas, 38 pescadores disseram ter redes camaroeiras, o que totaliza cerca de 328,5 metros de rede (42 redes). O tamanho das redes varia entre 4,5 metros à 50 m, com média de 11,7 m de comprimento. O tamanho da malha varia de 25 mm à 30 mm, medidos entre nós opostos. Pelo observado, pode-se perceber que o poder de pesca destes trabalhadores é deficiente, concorrendo para uma baixa produtividade refletida nos desembarques que não alcançam uma tonelada (750 kg/mês).

Este tipo de rede também é usado para fechar igarapés ou canais para captura de camarão. A retirada da rede acontece com a maré baixa, o que causa alguns transtornos, pois a rede e os animais capturados são submersos com muita lama. Além disso, o pescador tem que arrastar a canoa até ao canal do rio; o esforço é imenso e o rendimento não chega a ser satisfatório, sendo que o aspecto do camarão também fica comprometido.

Tarrafas na pesca do camarão

As tarrafas são artes de pesca usadas principalmente por pescadores do Arquipélago do Bailique, citadas como a quarta modalidade em uso (33,0%) na pesca do camarão e pouco utilizada por pescadores da Ilha do Pará (3,9%). O apetrecho é usado por um indivíduo, podendo ser confeccionada pelo próprio

pescador com fios nylon multifilamento de número variável. A malha tem dimensões entre nós opostos variáveis de acordo com a espécie alvo da pescaria; no caso da tarrafa camaroneira a malha varia entre 12 mm a 25 mm. A tarrafa é composta de partes como: vértice, punho, corda, corpo da tarrafa, acresce, saco, entralhe, chumbada e tensos. É um instrumento que exige habilidade e muita prática no manejo, pois quando lançada deve estender-se em um círculo todo aberto tocando a superfície da água. Seu uso também requer conhecimento pelo pescador dos locais propícios a pesca, evitando locais com muitos troncos e galhos submersos e pedregosos. No Bailique, comumente mulheres acompanhadas de seus filhos mais velhos costumam usar este apetrecho; contornam com suas montarias as margens de rios e igarapés, jogando tarrafas na captura de camarão para subsistência da família.

Os lançamentos das tarrafas são realizados em diferentes profundidades de acordo com o local não ultrapassando os 2 metros. O tempo dedicado a esta modalidade de pesca varia de acordo com o local, com a maré e com a quantidade de camarões presentes na área e as necessidades dos pescadores. O intervalo entre a despesca e um lance seguinte imediato varia de 3 a 5 minutos. A rentabilidade deste equipamento tem forte relação com as habilidades e técnica do pescador e também com o número de lançamentos que podem chegar até 400 vezes em 12 horas de trabalho (Silva, 2002).

As Embarcações dos Pescadores de Camarão

Nas comunidades estudadas, os tipos de embarcações são variados. Os mais usados são: montaria, casco, lancha, catraia, barco e batelão. Como demonstrado na Figura 06, alguns pescadores são donos de mais de um tipo de embarcação.

Segundo Furtado (1987), a tecnologia usada pelos pescadores no que tange as embarcações tanto para o desenvolvimento da pesca como para o transporte flúvio-marinho, evoca influências portuguesas e indígenas no contexto da cultura cabocla na Amazônia. Duas modalidades de embarcações dominam as pescarias de camarão: montaria e casco. São as mais simples e de custo mais baixo e, portanto mais acessíveis, podendo ser produzidas pelos próprios usuários. A lancha e a catraia são muito usadas para transporte mais longo entre ilhas, ilhas e os centros urbanos, conduzindo alunos para escolas mais distantes, para comemorações, festas religiosas e cultas religiosos entre outras tantas atividades sociais que confraternizam essas comunidades, como também são usadas para o transporte de pescado para os portos de Macapá e Santana. O batelão é pouco usado por estes pescadores. Os barcos de maior calado, dotados de urnas para armazenar gelo destinado às pescarias mais longas e mais distantes, não incluem o camarão regional nas capturas. Deste modo, poucos pescadores de camarão possuem este tipo de barco.

CONCLUSÃO

Os pescadores das comunidades do Bailique e Ilha do Pará têm na pesca do camarão sua principal atividade econômica durante o ano. Seu caráter artesanal se expressa através dos seus instrumentos de pesca que são geralmente rústicos, sem mecanização ou sofisticação, embora traços de modernidade transpareçam no uso de equipamentos de fios sintéticos ou de plástico como as redes de arrasto e malhadeiras em geral.

As tecnologias de pesca usadas no estuário do rio Amazonas na pesca do camarão diferem quanto às preferências. No Bailique a arte que predomina é a rede de arrasto, enquanto que na Ilha do Pará os matapis são preferencialmente os mais empregados. Tarrafas são pouco usadas e destinam-se para as pescarias de subsistência, enquanto que as malhadeiras e outras artes são usadas para outras espécies e se destinam para contribuir no orçamento do grupo familiar e para sua subsistência. A montaria é sem dúvida, o tipo de embarcação mais usado pelos pescadores do Bailique, enquanto que o casco domina na Ilha do Pará para a pesca do camarão como para os deslocamentos no interior de suas regiões. Embarcações motorizadas como lanchas e catraias são destinadas ao transporte de pessoal, pescado e outros materiais quando se exige viagens mais distantes.

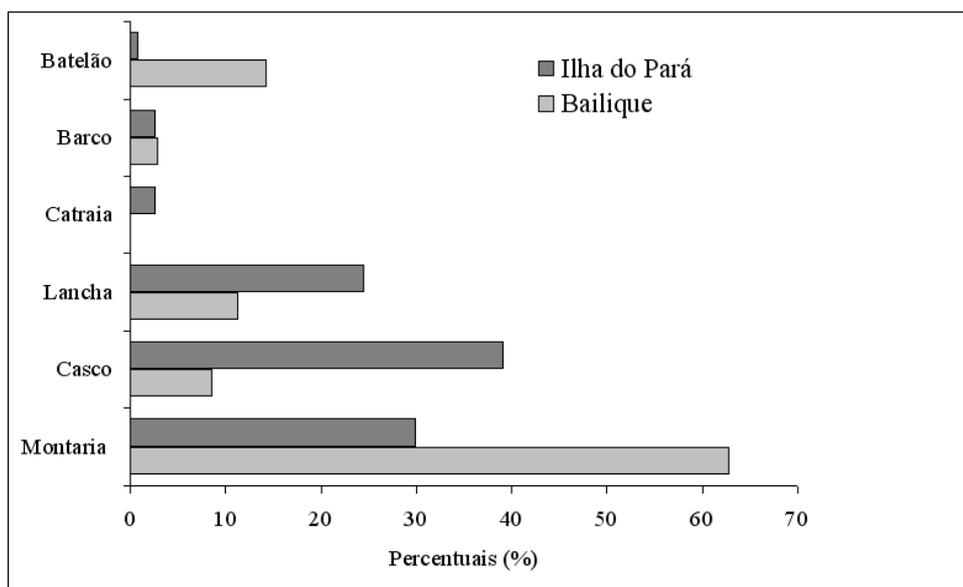


Figura 6. Percentuais (%) dos principais tipos de embarcações usadas pelos pescadores das comunidades da ilha do Pará e Arquipélago do Bailique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, J. da L. **Fenologia de espécies arbóreas tropicais na ilha do Pará, no estuário do rio Amazonas**. 1996. 99f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Agrárias do Pará. Belém, 1996.

FURTADO, L. G. **Curralistas e redeiros de Marudá, pescadores do Litoral do Pará**. Belém: MPEG, 1987. 366p.

MOREIRA, H. L. F. A. Marudá: aspectos da mudança social em uma comunidade de pescadores da Amazônia.. In: FURTADO, L.G.; LEITÃO, W. ; MELLO, A. F. (Eds.). **Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia**. Belém: MCT/CNPq/MPEG, 1993. p. 119-131.

NERY, A. da C. Traços da Tecnologia Pesqueira de uma Área de Pesca Tradicional na Amazônia – Zona do Salgado – Pará. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, n.11, p. 199-293. 1995. (Série Antropologia).

SILVA, L. M. A. **Relatório PROECOTUR**. Macapá: GEA/IEPA, 2002. 9 p.